

pos, publicado em 1986 pela Editora Frenesi e em 1990 o que narra a história de “um jovem que escreve versos”. “Como afortunado mau poeta” e “a conselha” a partir para a introdução. Na opinião de “Diderot”, os versos são maus. Frenesi usa uma base para criar sua história própria. Estratégia soferade, por exemplo, personagem em tantos poemas. História do livro indicam um agudíssimo entendimento dos Adília Lopes: Diderot, o filósofo e escritor do século XVII, é (Jacques Le Falalisto)”. O “Diderot” de Adília recomenda ao leitor que se enriquecer lá, “E a que se brotudo não publique os versos”. “O jovem poeta de Pondichéry aparece: “Não, não, a história do poeta de Pondichéry. Um dia veio a mim um jovem poeta que relação há entre isto e a viagem de Jacques, o poeta de Pondichéry. Depois das exortações ordinárias à minha obra, das quais não acredito numa só palavra, por mais de vinte anos e, talvez, de boa fé, o jovem poeta tirou versos! Sim, senhor, e espere que tenhais a bondade de acreditar? Sim, senhor, e pergunte vos qual é. Ireis saber. Venha buscar a verdade junto a vós? Sim. A ponto de dizer que a contemplação mais cultivada seria apenas uma ofensa a um mau poeta. Como creio que sois bastante forte para

O poeta de Pondichéry – segundo livro de Adília Lopes pela Angelus Novus – é um conjunto de doze poemas que o jovem poeta é recebido por Diderot, que se preocupa “com Pondichéry e a enriquecer lá”, como vemos na nota de introdução. Nesse argumento, a má qualidade dos versos, dá a poeta ironia à Adília, como vemos com a personagem Mariana Alcoffrey. As perguntas do segundo parágrafo da nota introdutória são mecanismos da ironia e da irrisão. Cite a nota de Adília transformada em “Diderot (ou quem fala por ele em) Jacques, o jovem que escrevia meus versos partir para Pondichéry e enriquecer lá”. Transcreva o trecho do romance de Diderot em que se narra a história do poeta de Pondichéry, a história do poeta de Pondichéry, como acontece diariamente... Mas, leitor, que história é essa? Fatalista, e de seu amor?... A história do poeta de Pondichéry, sua sagacidade, gênio, gosto, bondade e outras coisas, de modo que venham me repetindo tudo isso há mais de vinte anos. Um papel de bobo: São meus versos disse-me. Versos que não quero dar outra opinião sobre eles. Apreciais a verdade? O quê?! Sois tolo e bastante para crer que um poeta venha a ser recebido por Diderot? Seguramente! Sem contemplação? Sem dúvida: cá se trata de uma interpretação grosseira; fielmente interpretada, significaria que sois um

pos, publicado em 1986 pela Editora Frenesi e em 1990 o que narra a história de “um jovem que escreve versos”. “Como afortunado mau poeta” e “a conselha” a partir para a introdução. Na opinião de “Diderot”, os versos são maus. Frenesi usa uma base para criar sua história própria. Estratégia coferado, por exemplo, personagem em tantos poemas. História do livro indicam um agudíssimo entendimento dos Adília Lopes: Diderot, o filósofo e escritor do século XVII, é (Jacques Le Falalisto)”. O “Diderot” de Adília recomenda ao leitor que se enriquecer lá, “E a que se brotudo não publique os versos”. “O jovem poeta de Pondichéry aparece: “Não, não, a história do poeta de Pondichéry. Um dia veio a mim um jovem poeta que relação há entre isto e a viagem de Jacques, o poeta de Pondichéry. Depois das exortações ordinárias à minha obra, das quais não acredito numa só palavra, por mais de vinte anos e, talvez, de boa fé, o jovem poeta tirou versos! Sim, senhor, e espere que tenhais a bondade de acreditar? Sim, senhor, e pergunte vos qual é. Ireis saber. Venha buscar a verdade junto a vós? Sim. A ponto de dizer: já contemplação mais cultivada seria apenas uma ofensa a um mau poeta. Como creio que sois bastante forte para

O poeta de Pondichéry – segundo livro de Adília Lopes pela Angelus Novus – é um conjunto de doze poemas que o jovem poeta é recebido por Diderot, que se preocupa “com Pondichéry e a enriquecer lá”, como vemos na nota de introdução. Nesse argumento, a má qualidade dos versos, dá a poeta ironia à Adília, como vemos com a personagem Mariana Alcoffre. As perguntas do segundo parágrafo da nota introdutória mecânicos da ironia e da irrisão. Cite a nota de Adília transformado em “Diderot (ou quem fala por ele em) Jacques, jovem que escrevia maus versos partir para Pondichéry e em Transcreve o trecho do romance de Diderot em que história do poeta de Pondichéry, a história do poeta poeta, como acontece diariamente... Mas, leitor, que Fatalista, e de seu amor?... A história do poeta de Pondichéry, sagacidade, gênio, gosto, bondade e outras coisas, de que venham me repetindo tudo isso há mais de vinte um papel de bolso: São meus versos disse-me. Versos de dar vossa opinião sobre eles. Apreciais a verdade? O quê?! Sois tolo e bastante para crer que um poeta venha lha? Seguramente! Sem contemplação? Sem dúvida: cá se grosseira; fielmente interpretada, significaria que sois um

pos, publicado em 1986 pela Editora Frenesi e em 1990
c que narra a história de “um jovem que escreve versos”.
a “como afortunado mau poeta” e “a conselha a partir para
ntrodução. Na opinião de “Diderot”, os versos são maus. E
ronista uma base para criar sua história própria. Estratégia
coferado, por exemplo, personagem em tantos poemas.
tória do livro indicam um agudíssimo entendimento dos
ília Lopes: Diderot, o filósofo e escritor do século XVII, é
Jacques Le Falalisto)”. O “Diderot” de Adília recomenda ao
enriquecer lá, “E a que se brotudo não publique os versos”.
que o Poeta de Pondichéry aparece: “Não, não, a
Poeta de Pondichéry. Um dia veio a mim um jovem
que relação há entre isto e a viagem de Jacques, o
Pondichéry. Depois das exortações ordinárias à minha
c, das quais não acredito numa só palavra, por mais
vinte anos e, talvez, de boa fé, o jovem poeta tirou
versos! Sim, senhor, e espere que tenhais a bondade
de? Sim, senhor, e pergunte vos qual é. Ireis saber.
venha buscar a verdade junto a vós? Sim. A ponto de dizer
cá contemplação mais cultivada seria apenas uma ofensa
e um mal poeta. Como creio que sois bastante forte para

Edição apoiada pela Direção-Geral do Livro,
dos Arquivos e das Bibliotecas/Portugal.



**REPÚBLICA
PORTUGUESA**

CULTURA

**DIREÇÃO-GERAL DO LIVRO, DOS ARQUIVOS E
DAS BIBLIOTECAS**

O Poeta de Pondichéry

Adília Lopes



Título original: O Poeta de Pondichéry

© Adília Lopes e Assírio & Alvim — Grupo Editora Porto Editora, 2019.

Edição: Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial: Sérgio Ricardo

Revisão: Nathan Matos

Diagramação e Projeto Gráfico: Nathan Matos e Luís Otávio

Capa: Luís Otávio

1ª edição, Belo Horizonte, 2019.

*Nesta edição, respeitou-se
a edição original.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L864p

Lopes, Adília

O poeta de Pondicherry / Adília Lopes. - Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2019.

52 p. ; 14cm x 21cm.

ISBN: 978-85-45557-95-1

1. Literatura portuguesa. I. Título.

2019-690

CDD 869

CDU 821.134.3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura portuguesa 869
2. Literatura portuguesa 821.134.3

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos

editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

Sumário

25	I
27	II
35	III
39	IIII
43	V
47	VI
51	VII
55	VIII
59	IX
63	X
67	XI
71	XII



APRESENTAÇÃO

O poeta de Pondichéry – segundo livro de Adília Lopes, publicado em 1986 pela Editora Frenesi e em 1998 pela Angelus Novos – é um conjunto de doze poemas que narra a história de “um jovem que escreve versos”.

O jovem poeta é recebido por Diderot, que se preocupa “com a fortuna do mau poeta” e “aconselha-o a partir para Pondichéry e a enriquecer lá”, como lemos na nota de introdução. Na opinião de “Diderot”, os versos são maus. E esse argumento, a má qualidade dos versos, dá a poeta ironista uma base para criar sua história própria. Estratégia à Adília, como vemos com a personagem Mariana Alcoforado, por exemplo, personagem em tantos poemas.

As perguntas do segundo parágrafo da nota introdutória do livro indicam um agudíssimo entendimento dos mecanismos da ironia e da irrisão. Cito a nota de Adília Lopes:

[p]orque que o mau poeta deve ir para Pondichéry e não para outro lugar? Porque é que os seus pais são joalheiros? Porque é que juntou 100 000 francos? E porque é que passou doze anos em Pondichéry? Não sei explicar. O que me atrai é precisamente isto: Pondichéry, pais joalheiros, 100 000 francos, doze anos.

Diderot, o filósofo e escritor do século XVII, é transformado em “Diderot (ou quem fala por ele em *Jacques Le Falaliste*)”. O “Diderot” de Adília recomenda ao jovem que escrevia maus versos partir para Pondichéry e enriquecer lá, “E a que sobretudo não publique os versos”.

Transcrevo o trecho do romance de Diderot em que o Poeta de Pondichéry aparece: “– Não, não, a história do poeta de Pondichéry, a história do poeta de Pondichéry. – Um dia veio a mim um jovem poeta, como acontece diariamente... Mas, leitor, que relação há entre isto e a viagem de Jacques, o Fatalista, e de seu amo?... – A história do poeta de Pondichéry. – Depois das exortações ordinárias à minha sagacidade, gênio, gosto, bondade e outras coisas, das quais não acredito numa só palavra, por mais que venham me repetindo tudo isso há mais de vinte anos e, talvez, de boa fé, o jovem poeta tirou um papel do bolso: – São meus versos – disse-me. – Versos! – Sim, senhor, e espero que tenhais a bondade de dar vossa opinião sobre eles. – Apreciais a verdade? – Sim, senhor, e pergunto-vos qual é. – Ireis saber. – O quê?! Sois tolo o bastante para crer que um poeta venha buscar a verdade junto a vós? – Sim. – A ponto de dizer-lha? – Seguramente! – Sem contemplação? – Sem dúvida: cá contemplação mais cultivada seria apenas uma ofensa grosseira; fielmente interpretada, significaria que sois um mal poeta. Como creio que sois bastante forte para ouvir a verdade, posso ainda vos dizer que sois um homem insosso. – E a fraqueza sempre teve êxito junto a vós? – Quase sempre... Li os versos de meu jovem poeta e disse-lhe: – Vossos versos não são apenas ruins; foi-me demonstrado também que nunca fareis bons. – Então devo continuar fazendo maus versos, pois não consigo deixar de fazê-los. – Eis uma terrível maldição! Senhor, concebeis em que espécie de aviltamento incorrereis? Nem os deuses, nem os homens, nem as colunas perdoaram a mediocridade aos poetas; foi Horácio quem disse. – Eu sei. – Sois rico? – Não. – Sois pobre? – Muito pobre. – E ireis juntar à pobreza o ridículo de ser mau poeta... Perdereis vossa vida, ficareis

velho. Velho, pobre e mau poeta. Ah! Senhor, que papel! – Estou ciente de tudo isso, mas sou levado, à minha revelia ... (aqui Jacques teria dito: “Mas isso está escrito lá em cima.”) – Tendes pais? – Tenho. – Qual é sua posição? – São joalheiros. – Fariam algo por vós? – Talvez. – Muito bem! Procurai vossos pais, propondo-lhes que vos adiantem uma trouxinha de joias. Embarcai para Pondichéry; fareis maus versos no caminho, mas, quando chegardes, enriquecereis. Uma vez feita vossa fortuna, voltai a fazer aqui tantos maus versos quanto vos aprouver, conquanto não os mandeis imprimir, pois não cumpre arruinar ninguém... Há mais ou menos doze anos deu este mesmo conselho a um moço que veio a mim; hoje não seria capaz de reconhecê-lo. – Fui eu mesmo, senhor – disse-me, – que enviastes a Pondichéry. Fui até lá, juntei uma centena de mil francos. Voltei, pus-me a fazer versos, e eis o que vos trago... Ainda são ruins? – Ainda. Vossa sorte está selada; nada posso fazer, senão consentir que continueis a fazer maus versos.

– É exatamente essa a minha intenção...” (Diderot, 1993, p. 45)

Esta pequena narrativa contada em doze poemas funciona como uma metáfora irônica da condição poética – eis que volta a lume a ironia, tão cara a Adília. Pondichéry, situada na Costa de Coromandel, na Índia, é um lugar multicultural que combina ioga e ciência. Por que, para Diderot, um dos primeiros autores que faz da literatura um ofício, este seria o lugar apropriado aonde o jovem que fazia maus versos deveria ir para fazer fortuna? A pergunta é o que interessa a Adília, e a mim também, mas deixo a questão de lado para pensar não na ida para Pondichéry, mas na volta do jovem para perto de Diderot, a quem *O poeta de Pondichéry* deve a “fortuna” e os “desgostos”. No poema “II” do livro, a personagem “Diderot” causa no jovem (“mau”) poeta uma dependência combinada a uma relação de admiração e devoção. No entanto, tornando esta vinculação ainda mais esquizofrênica, há também um imenso incômodo do *Poeta de Pondichéry* por viver submetido a esta relação.

O jovem poeta dedica seus poemas “À Denis” – em francês –, por assim supor que não haverá “embaraços”. Na estrofe em que o substantivo “embaraços” aparece, o *Poeta de Pondichéry* fala da sua dedicação a Diderot, primeiro porque ele vai dedicar todos os poemas àquele mestre e segundo porque, desde a ida para Pondichéry até o asilo onde o “fecharam”, como vemos no último poema do livro, os gestos do jovem poeta são voltados para o gosto de Diderot. Podemos observar isso nos versos “não sei sobreviver a Diderot/ Diderot pouco se importava comigo”, em que o *Poeta de Pondichéry* confessa flagrantemente, por saber da morte de Diderot, a sua insignificância para este, mais que isso, a pequenez que era a sua existência diante da grandiosidade de Diderot.

A ideia de sacrifício que inicia o poema, ao mesmo tempo em que salienta a posição crítica de Diderot, mostra o atrelamento afetivo do jovem poeta a seu mestre. Isso porque é Diderot que o jovem poeta admira tanto a ponto de dedicar “toda uma vida em vista de um poema/ de que Diderot não gosta”, com a vontade de que ele goste, na verdade. Entretanto, ao mesmo tempo, a dúvida em “sacrificar bezerros recém-nascidos”, assim como sacrifica “mais uma página em branco”, acentua, ainda que levemente, certa falta de crença na crítica de Diderot.

O décimo segundo poema de *O poeta de Pondichéry* narra o triste fim do jovem poeta que, em uma “cela”, juntamente com outros “asilados”, teme que não possa mais escrever.

Deixei crescer muito a minha unha do indicador
direito para poder escrever os meus poemas nas
paredes da cela porque no asilo onde me
fecharam
não me dão tinta nem papel para
escrever escrevo durante a noite
porque durante o dia os

asilados que estão na cela
comigo
estão sempre a espiar-me
e quando os outros se põem a olhar
para mim deixo de saber como me
chamo
tenho saudades do meu quarto no alto da torre de marfim
que mandei construir em Pondichéry

chamava o meu criado
com um sistema complicado de
campainhas porque a torre tinha mil e
sete degraus pensava que se Diderot
fosse a Pondichéry não podia deixar
de me visitar
mas Diderot foi a
Pondichéry e não me visitou
agora quando batem à porta
da cela penso primeiro que é
Diderot
que vem me visitar
mas lembro-me de que Diderot
morreu e fico com medo de que
seja alguém para me cortar as
unhas

O poema descreve o final do *Poeta de Pondichéry*, que se esquece da morte de Diderot, e, por isso, muitas vezes ainda acredita que o escritor o irá visitar, expressa a dor deste jovem poeta – dor de ter sempre alguém a interditar a sua escrita. No princípio foi Diderot, que, mandando-o para Pondichéry, queria que o jovem parasse de escrever e fizesse fortuna. E agora, no final da sua trajetória, é o fantasma de Diderot que o

assusta. Pois, mesmo morto, “alguém”, assim como Diderot faria se vivo, pode cortar suas “unhas”, mantidas grandes para que ele possa “escrever” “poemas nas paredes da cela”, na falta de “papel” e “tinta”. Já não é mais uma questão sacrificar o papel, como fora no segundo poema; o que o asilado de Pondichéry quer é poder, ao menos, escrever.

Raquel Menezes

Diderot (ou quem fala por ele em Jacques le Fataliste) recebe um jovem que escreve versos. Acha os versos maus e diz ao jovem que ele há-de fazer sempre maus versos. Diderot preocupa-se com a fortuna do mau poeta. Pergunta-lhe se tem pais e o que fazem. Os pais são joalheiros. Aconselha-o a partir para Pondichéry e a enriquecer lá. E a que sobretudo não publique os versos. Doze anos mais tarde o poeta volta a encontrar-se com Diderot. Enriqueceu em Pondichéry (juntou 100 000 francos) e continua a escrever maus versos.

Porque é que o mau poeta deve ir para Pondichéry e não para outro lugar? Porque é que os seus pais são joalheiros? Porque é que juntou 100 000 francos? E porque é que passou doze anos em Pondichéry? Não sei explicar. O que me atrai é precisamente isto: Pondichéry, pais joalheiros, 100 000 francos, doze anos.

mas há uma diferença
nos mentes não há pedras boas e pedras más
e nos livros há poemas bons e poemas maus
as concubinas as sedas os damascos e os
diamantes
não o conselham de escrever maus poemas
emenda muito os seus poemas

Voltou de Pondichéry no meio
de sedas damascos diamantes e concubinas
o cordão de ouro da mãe
não serviu para pagar
a edição dos seus poemas
mas para pagar a passagem
para Pondichéry
onde veio a fazer fortuna
nenhuma musa teve a caridade
de gelar a tinta no seu tinteiro
também nunca lhe faltou o pão com queijo branco
nem o papel
tanto o papel para escrever poemas
como o papel de carta
escreveu cartas a Diderot
a que juntou poemas
Diderot nunca lhe respondeu no
regresso recebeu-o com frieza
dei-lhe um conselho sensato
o que é que queria mais?
a obstinação do poeta de Pondichéry
em escrever poemas que Diderot acha maus
é como a de Sísifo
mas há uma diferença
nos montes não há pedras boas e pedras más
e nos livros há poemas bons e poemas maus

as concubinas as sedas os damascos e os diamantes
não o consolam de escrever maus poemas
emenda muito os seus poemas
os papéis que os herdeiros vão encontrar
depois da sua morte
parecem palimpsestos
mas as emendas são como um eczema
sobre uma pele de que nunca se gostou

Para quê sacrificar mais uma página em
branco?

Vou dedicar todos os meus poemas a Diderot

Se não tivesse conhecido Diderot

Mercuriocreme befetadas café com leite épico

toda uma

1

Para quê sacrificar mais uma página em branco?
se ainda se escrevesse em peles de bezerros recém-nascidos
atrevia-me a sacrificar bezerros recém-nascidos?
acho que sim

2

Vou dedicar todos os meus poemas a Diderot
escrevo só À Denis
ele sabe que é esse Denis
eu também
as outras pessoas não não
há embaraços

3

Se não tivesse conhecido Diderot
dizia hoje coisas diferentes das que digo hoje
devo-lhe a minha fortuna e os meus desgostos

4

Mercurocromo bofetadas café com leite ópio toda uma
vida em vista de um poema
de que Diderot não gosta

esses poemas são a parte visível de um
iceberg
de que acho a parte submersa envergonhante
e não penho as mãos no fogo pela parte
visível!
uma metáfora que dura muito tempo

Parti para fazer fortuna
e para escrever poemas
de que eu (e Diderot) pudéssemos gostar mais
reli os poemas que escrevi em Pondichéry
não gosto deles
de tudo o que escrevi em Pondichéry
guardo um ou dois poemas
esses poemas são a parte visível de um iceberg
de que acho a parte submersa envergonhante
e não ponho as mãos no fogo pela parte visível
uma metáfora que dura muito tempo
leva a dizer disparates como este
uma metáfora permite aproximações mais vertiginosas
do que o bólido inter-galáctico
mas não deve durar muito tempo
penso que troquei diamantes por papel
que agora rasgo sem furor
dediquei-me a um luxo que era um lixo
no cofre do tesouro em vez do tesouro
estava um ninho de víboras
ou cotão (que é mais desolador do que víboras)
se escrevesse um poema sobre Diderot
escrevia os teus ossos e os teus olhos
evito escrever
e vivo como escrevo